



UFSM
Centro de Educação

**Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

Artigo Monográfico de Especialização

**INCLUSÃO EM DISCUSSÃO:
UMA AÇÃO POSITIVA NA ESCOLA RUTH ROCHA**

Dvânia Venâncio Costa

VILHENA, RO, Brasil

2010

**INCLUSÃO EM DISCUSSÃO:
UMA AÇÃO POSITIVA NA ESCOLA RUTH ROCHA**

por

Dvânia Venâncio Costa

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

VILHENA, RO, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo

Monográfico de Especialização

**INCLUSÃO EM DISCUSSÃO: UMA AÇÃO POSITIVA NA ESCOLA
RUTH ROCHA**

elaborado por

Dvânia Venâncio Costa

como requisito parcial para obtenção do grau de

**Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Célia Rossetto

VILHENA, RO, Brasil
2010

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

INCLUSÃO EM DISCUSSÃO: Uma ação positiva na escola Ruth Rocha

AUTOR: DVÂNIA VENÂNCIO COSTA

ORIENTADOR: CÉLIA ROSSETTO

VILHENA,RO

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, após um breve esclarecimento sobre o que seja a inclusão, discutir suas implicações no campo educacional no que diz respeito a postura pedagógica e suas influências na formação do educando dentro de uma proposta inclusiva, exemplificando os perfis do professor “técnico” e o professor educador. O principal objetivo é mostrar que longos passos já foram dados quando se fala em educação inclusiva e muitos são os exemplos de sucessos em diversos estabelecimentos de ensino, porém é importante alertar os educadores que o processo de inclusão está apenas começando a ser posto em prática no campo da educação e que reformas e transformações profundas são necessárias, tanto no plano pessoal quanto no plano político e social. Não se pode perder a possibilidade de transformar nossas escolas em escolas mais justas, abertas de verdade a todos e oferecendo, eficaz e efetivamente, uma educação diferenciada e de qualidade a todos.

Palavras- Chaves: Inclusão; Práticas Educacionais; Professor

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO	06
1. O SER PROFESSOR E O SER EDUCADOR.....	07
1.1 Definição de Inclusão.....	08
1.2 O contexto do ser professor dentro de uma proposta inclusiva.....	10
2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UMA AÇÃO POSITIVA NA ESCOLA RUTH ROCHA.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	15
ANEXOS.....	16

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa pretende discutir a política inclusiva adotada na escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Ruth Rocha fazendo um breve levantamento dos pontos negativos e positivos vividos por educadores, alunos e pais dentro desta unidade de ensino. Analisa de maneira reflexiva a postura pedagógica do professor inclusivo dentro desta realidade escolar.

Buscar compreender a postura do educador de uma escola inclusiva e como esta influencia a formação dos educandos foi uma das razões que me fez investigar este assunto.

Quando falo em formação do educando, faço referência ao desenvolvimento de algumas atitudes educacionais como o aluno ser um bom pesquisador, leitor, um cidadão crítico, participativo, solidário.

Para isso, foram pesquisados os fatores que contribuem para que tanto a ação do professor, quanto o envolvimento dos alunos sejam compreendidos pela perspectiva da arte do ensinar e do aprender dentro de uma proposta inclusiva.

Sabe-se que uma proposta inclusiva envolve, portanto, uma escola que se identifica com princípios educacionais humanistas, cujos professores tenham um perfil compatível com esses princípios.

Neste primeiro momento será apresentada uma rápida definição do que é inclusão, e uma breve análise da postura pedagógica do professor inclusivo confrontando teoria e prática. Assuntos estes expostos no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, intitulado Educação inclusiva, uma ação positiva na escola Ruth Rocha o enfoque será a pesquisa de campo, onde serão apontados os pontos positivos e negativos da educação inclusiva descrevendo como vem acontecendo a inserção de crianças com necessidades educacionais especiais no ensino regular exemplificando ações pedagógicas e políticas que favorecem uma educação de qualidade que valorize a diversidade.

O objetivo central desta pesquisa é buscar a realização prática daquilo que a teoria propõe.

CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa tem como enfoque a dialética, por analisar o contexto das contradições frente ao processo da postura pedagógica inclusiva e suas influências na formação do educando.

O campo pesquisado foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Ruth Rocha, já que esta é uma instituição que tem desenvolvido um trabalho inclusivo significativo oferecendo um trabalho de qualidade dentro de suas limitações.

Tem por gestor o Sr. Benedito Rogeldo Bezerra de Menezes, devidamente habilitado em Pedagogia com licenciatura em Letras e pós-graduado em Gestão Escolar e como vice a Sra. Rosemeire Pereira Silva formada em Pedagogia, pós-graduada em Gestão e Orientação-Escolar.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2008 e 2009 com 2 turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º ano, 2 turmas de 3º ano, 1 turma de 4º ano e 2 turmas do 5º ano, totalizando em média um grupo de 270 crianças, 9 professores, 3 auxiliares educacionais e 1 interprete.

A escola está situada à Rua São Luis, nº1831 bairro Nova Brasília, CEP78960-000 – cidade Ji- Paraná – RO.

A escola como um todo possui 04 pavilhões de alvenaria, coberto com telhas de barro, janelas grandes, possui 03 salas destinada ao pré-escolar, 07 salas destinadas ao ensino fundamental 1º ao 5º ano, 01 sala de recursos, 01 sala de leitura (que funciona na biblioteca). 01 refeitório, 01 cozinha, 01 sala de vídeo, 01 auditório, 01 laboratório de informática, 01 sala de professores, 01 sala para supervisão, 01 sala para direção escolar, 01 secretaria, 01 cantina, 01 depósito para materiais didáticos. 01 depósito de alimentos, 01 campo de futebol, 01 parque de diversão, 01 quadra coberta.

As salas de aula são grandes, arejadas e com boa iluminação, possuem cortinas nas janelas e ventiladores de teto, algumas já possuem ar condicionado central.

Foram sujeitos a pesquisa os discentes, docentes e pais de alunos que estão diretamente ligados à escola.

Foram feitos questionários investigativos/entrevistas verificando o perfil do professor em estudo, sua prática docente e os recursos usados por estes, em sala de aula, bem como seus conhecimentos acerca das políticas públicas voltadas para educação inclusiva que regem sua prática docente. Foram entregues questionários também a alguns pais de alunos especiais ou não. Já com os alunos foram realizadas conversas informais, entrevistas e observações, resultados estes que serão expostos no segundo capítulo.

Nessa perspectiva, pretendo analisar o papel do professor no processo de inclusão, visando contribuir para a participação efetiva dos professores na Educação Inclusiva. A proposta é oferecer aos educadores reflexões que visam colaborar com a sua atuação docente, pressupondo que o processo de aprendizagem deve atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola.

A Educação Inclusiva implica na convicção de que o aluno e a escola devem se aprimorar para alcançar a eficiência da educação, a partir da interatividade entre esses dois atores do processo educativo.

1. O SER PROFESSOR E O SER EDUCADOR

Ser professor é apenas uma função técnica, ser educador vai muito além, como diz Mesquita “tem de levar o aluno a pensar, a contextualizar, a analisar comparativamente, a quebrar preconceitos, a buscar soluções gradativas para problemas que afetam a sua comunidade.

Professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação.

Os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma "estória" a ser contada. Habitam um mundo em o que vale é a relação que os ligam aos alunos, sendo que cada aluno é uma "entidade" "sui generis", portador de um nome, também de uma "estória", sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a

educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois...(Rubem Alves).

Mas os professores são habitantes de um mundo diferente, onde o "educador" pouco importa, pois o que interessa é um "crédito" cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra.

Por isso mesmo, professores são "entidades" descartáveis, da mesma forma como há canetas descartáveis, etc...

O educador constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos.

O professor ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência.

Gadotti diz que “o profissional de ensino não é um técnico, um especialista, é antes de mais nada um profissional do humano, do social, do político” (p. 142).

É neste pensamento que o educador precisa caminhar, mobilizar a sociedade para a participação da construção de uma educação mais justa e igual para todos.

1.1 DEFINIÇÃO DE INCLUSÃO

Inclusão é incluir, integrar o indivíduo na sociedade compartilhando nossos conhecimentos, ajudando-o aprimorar suas habilidades, sendo capaz de modificar e transformar suas ações como sujeito participativo.

A declaração de Salamanca (1994) afirma que toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Valoriza as características únicas de cada criança, entende que os estabelecimentos de ensino devam trabalhar uma Pedagogia centrada na criança levando em conta a diversidade de características e necessidades, desta forma o sistema educacional pode combater atitudes discriminatórias.

Dentro desta percepção podemos definir que inclusão é oferecer condições para que estudantes com necessidades especiais tenham vaga garantida nas escolas

regulares, com ensino de qualidade com professores qualificados que tenham a sua disposição todo o suporte técnico necessário para atuarem com criatividade e dinâmica possibilitando uma aprendizagem coletiva, embora com objetivos diferenciados.

Azevedo e Barros (2004) consideram a inclusão como o movimento permanente na busca de igualdade de condições e oportunidades para evitar diversas situações de privação. Esta definição pode ser considerada um tanto limitada, pois a inclusão não pode ser pensada em apenas um aspecto social, o de incluir alunos com necessidades educativas especiais, mas, envolvê-los de fato no processo de ensino e aprendizagem, propondo-os meios para que sejam cidadãos críticos e participativos de uma sociedade tão competitiva.

Para Sasaki (1997), inclusão é “um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade” (p.41).

O ensino, deve se adaptar às necessidades dos alunos, ao invés de o aluno adaptar-se aos paradigmas impostos pelas políticas educacionais.

A comunidade acadêmica, não pode continuar a pensar que só há um único modelo para promover a busca do saber dentro do ambiente escolar. O saber é concebido através de experiências, discussões e todo aluno tem seu conhecimento, sua experiência de vida, isso só precisa ser contextualizado e aprimorado dentro do ambiente escolar.

A escola por sua vez precisa criar estratégias didático-pedagógicas para favorecer aos alunos o encontro de seus conhecimentos prévios ao saber sistematizado.

Repensar nas políticas educacionais e nos estabelecimentos de ensino hoje requer discussões no que se refere a qualidade da educação inclusiva, as inovações que ocorrerão daqui para frente diz respeito à escola, ao aluno especial, à família, ao professor e a todas as pessoas que fazem parte deste processo. Por isso, esta discussão se faz necessária pois é só pensando na inclusão como uma prática social que tais mudanças ocorrerão.

1.2 O CONTEXTO DO SER PROFESSOR DENTRO DE UMA PROPOSTA INCLUSIVA

Com o crescimento de profissionais em educação, o avanço nas pesquisas sobre aprendizagem, avaliação e ações pedagógicas, percebe-se claramente um grande distanciamento entre o ser professor e o ser educador.

Palavras aparentemente semelhantes entre si, por ligarem à idéia de ensino, são na verdade bem distintas uma da outra quando se fala da prática deste ensino como algo prazeroso para o aluno que muitas vezes se depara em situações desafiadoras, não só na construção da aprendizagem, dos conteúdos curriculares, como também na construção e reestruturação de sua personalidade, já que a ação pedagógica do professor-educador adentra muito mais além do simples ato de ensinar disciplinas.

De acordo com Freire (2003, p. 33)

“[...] o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando”, logo, não é uma atitude sábia desvincular saberes tão importantes, pois juntos ampliam e facilitam a descoberta epistemológica, condições estas que permitem uma boa convivência no meio social.

Infelizmente muitos professores desconhecem esta necessidade, sendo comuns ações pedagógicas repetitivas, exaustivas e distanciadas do desejo de renovar as práticas educacionais, para que a aprendizagem do educando seja facilitada e aconteça de maneira significativa.

Werneck (1998, p. 88) afirma que

“A falta de renovação fez persistir o prejuízo da educação do homem consciente”, se for direcionado um olhar reflexivo do que tem acontecido em algumas escolas, encontraremos o reflexo desta afirmação presente em muitas delas.

Muitos são os professores que buscam culpados e inocentes pelo mau desempenho acadêmico de seus alunos, sendo esta, uma atitude própria de quem quer livrar-se da responsabilidade deste fracasso.

Dispensando um olhar mais detalhado para a educação inclusiva percebe-se que o ensino torna-se mais complexo em se tratando de prejuízos educacionais tanto no aspecto humano (educadores comprometidos com o ensino e assessoramento de

outros profissionais na área da saúde) quanto no aspecto material (suporte pedagógico adequado a cada necessidade especial).

Foi um importante passo dos nossos governantes criarem a lei da educação inclusiva, porém colocá-la em prática como é devido ainda falta muito, pois nossas escolas vivenciam hoje uma realidade difícil de ser encarada, faltam profissionais para assessorar o professor, recursos didáticos adequados as necessidades dos alunos, reestruturação na estrutura dos prédios escolares entre muitos outros fatores.

As escolas hoje são obrigadas a receber alunos especiais, sem nenhum olhar especial para esse fim, os alunos por sua vez são obrigados a ficarem nas escolas regulares sem receber um atendimento de qualidade em muitas de nossas escolas.

Muito há por fazer, mas, temos muito a comemorar, pois muitos professores apesar de toda morosidade quanto à educação inclusiva são de fato educadores comprometidos com o ensino e aprendizagem de qualidade, estes buscam na formação continuada aprimoramento profissional, estão constantemente refletindo sobre sua prática educativa, trocam experiências, enfim, estão sempre buscando respostas para suas inquietações.

2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UMA AÇÃO POSITIVA NA ESCOLA RUTH ROCHA

Na escola Ruth Rocha a educação inclusiva vem acontecendo de forma positiva e desafiadora, os professores são capacitados com cursos oferecidos pela secretaria municipal de educação.

Os professores educadores deste estabelecimento de ensino valorizam a formação continuada estão constantemente estudando, possuem em suas salas um auxiliar educacional para atender de forma integrada e participativa os alunos especiais, possuem na própria escola uma sala de recurso que atende os alunos especiais em horário oposto para que conquistem as habilidades na série em qual estão matriculados.

Isso acontece graças à união e envolvimento de todos os profissionais que nela estão inseridos.

Um dos professores entrevistados relatou que a educação inclusiva antes era trabalhada de maneira fragmentada por falta profissional que se enquadrasse nesta realidade, então eles se mobilizaram, formaram uma comissão e levaram junto à secretaria municipal de educação a seguinte discussão: propostas inclusivas, mais eficazes em se tratando em qualidade de ensino.

A partir daí a auxiliar educacional, interprete e sala de atendimento exclusivo para crianças autistas tornou-se realidade não só na Escola Ruth Rocha como nas demais escolas municipais de Ji-Paraná. A sala para atendimento de crianças autistas foi organizada no prédio da própria secretaria municipal de educação.

Quanto ao currículo escolar, este é adaptado para atender com qualidade a educação inclusiva, as avaliações acontecem através de portfólio desta forma os alunos são avaliados de forma contínua e significativa.

A avaliação inclusiva na escola pesquisada é diversificada: são oferecidas várias oportunidades e formas diferentes do aluno mostrar como está se saindo ao longo do processo educacional. Se o aluno apresenta dificuldade em sua expressão escrita, por exemplo, a escola provê formas alternativas através das quais ele possa complementar sua expressão e mostrar o resultado de seu processo educacional (por exemplo, oralizando, desenhando). Esta forma de avaliar possibilita que um processo de negociação entre aluno e professor se instaure na relação pedagógica, o que por sua vez apenas enriquece a experiência educacional de ambas as partes.

São oferecidos jogos e atividades recreativas que promovem a interação entre toda a comunidade escolar, os alunos respeitam os limites um do outro e os professores educadores estão constantemente propondo desafios possíveis a classe estudantil.

Quanto ao ensino da Língua de Sinais LIBRAS é oferecido a todos os funcionários da escola e alunos o aluno surdo tem na sala em que está matriculado um interprete e durante o recreio nunca se sente só, pois graças à disciplina LIBRAS todos conseguem uma comunicação satisfatória, estão sempre aprendendo uns com os outros.

Porém alguns pontos negativos foram apontados pela equipe gestora e pedagógica da escola, entre eles a falta de comprometimento de alguns pais para com seus filhos, muitas vezes precisam ser pressionados a disponibilizar tempo para ir em busca dos serviços de saúde que irão favorecer o melhor desenvolvimento intelectual, cognitivo e motor dos filhos. Outro ponto negativo apontado foi a rotatividade dos

profissionais de ensino neste ano, já que muitos concursos foram abertos e esses profissionais buscam melhores salários. A equipe que já estava bem afinada se desfez, tendo que reorganizar muitos setores dentro da escola, e refletir sobre os objetivos propostos e metas a serem alcançadas.

Para que o lema da escola não seja perdido a equipe gestora e pedagógica sempre está articulando estratégias e planejando ações que vão ao encontro com as necessidades daqueles que iniciam seus trabalhos dentro deste estabelecimento de ensino, desta forma não perdem o foco, porém há uma morosidade dentro daquilo que se deseja alcançar: uma escola inclusiva que atenda com segurança a todos que nela estão inseridos.

Outro ponto destacado foi a dificuldade de construir parceria com profissionais da saúde para ampliar e dar maior qualidade ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos, isso vem acontecendo com grande morosidade, prejudicando o avanço acadêmico esperado e desejado nos alunos com necessidades educativas especiais.

Mesmo com os avanços ocorridos neste estabelecimento de ensino fica claro que há uma grande necessidade de melhora, que o verdadeiro ideal encontra-se distante da realidade vivida e que muito há por fazer, cada conquista é louvável mas nem por isso pode-se acomodar, como diz GADOTTI (2000)

“ A educação só tem sentido na medida que é concebida como ação, visando a participação e a autonomia. A educação é um processo de transformação do indivíduo e da sociedade. A escola não pode ficar isolada das lutas globais da sociedade” (147).

Para que a educação inclusiva alcance o seu ideal, faz-se necessária esta constante luta pela transformação, educação não pode ser vista como algo estático, mas, como uma ambiente mobilizador da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressignificar a escola na proposta inclusiva requer esforços de vários segmentos em várias direções.

Embora reconhecidamente difícil, dado os contextos em que ainda vivemos e as visões tradicionalistas, é possível vivenciar uma educação inclusiva de qualidade como foi possível vivenciar na Escola Ruth Rocha.

É possível também porque temos, ao longo de nossa história, avançado cada vez mais em nossas reflexões e atitudes sobre justiça e direitos humanos.

Inclusão em educação é uma questão de direito, e neste sentido ela se aplica a qualquer indivíduo ou grupo de cidadãos que estejam vivendo processos excludentes, ou em risco de os viverem.

Cabe, no entanto, reconhecermos que tais avanços ainda não são suficientes, ou ainda, que na luta pela melhoria das condições de vida e asseguramento dos direitos humanos, estes avanços jamais atingirão um estado final, porque podemos sempre fazer melhor.

A escola pesquisada mostrou que, não podemos nos render a uma visão estática ou de comodismo, precisamos ir à busca daquilo que acreditamos levar a sociedade escolar e os representantes governamentais a discutirem propostas inclusivas que favoreçam a educação de uma maneira ampla e concreta garantindo, com isso, a existência de nossa própria vida: individual, cívica e social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem, **Alegria de ensinar**. 6 ed., Campinas, SP: Papirus, 2000.

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira de Ci e Movimento**. Brasília, v. 12 2004.

Declaração de Salamanca. Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial. Espanha, 1994.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir, **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 11^o ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo, **Pegogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

REVISTA de educação AEC: **O papel político social do professor**. v. 26, nº 104, jul / set. Brasília, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão. Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1991.

WERNECK, Hamilton, **Assinei o diploma com o polegar: a construção da cidadania na escola**. 5^o ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1992.

ANEXOS

**COMO SÃO ELABORADOS OS RELATÓRIOS DOS PORTIFÓLIOS, INSTRUMENTOS
AVALIATIVOS DOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

**ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL RUTH
ROCHA**

Atividades avaliativas referente ao desempenho acadêmico do aluno Thiago Henrique Souza da S. de Jesus, matriculado no dia 29 de janeiro do ano de 2009, no 2º ano, turma B, turno matutino. Ele, nascido em 19 de junho do ano de 2001, filho de Carlos Gouvêa de Jesus e Maria Aparecida Souza da Silva.

Ana Paula Meldola Manoel

Professora

QUEM SOU EU???

Ana Paula Meldola Manoel, Professora formada em pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia, trabalho com alfabetização há dez anos.

Particpei de vários cursos de formação continuada oferecidos pela secretaria de educação, entre eles o PROFA (Programa de Professores Alfabetizadores, PCNs (Parâmetros Curriculares para Educação Infantil e Ensino Fundamental) LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)...

Atualmente faço especialização em Psicopedagogia Clínica, pela Faculdade da Amazônia e Educação para Surdos e Déficit Cognitivo pela Universidade de Santa Maria.

Trabalho com uma carga horária de 40 horas semanais, sendo destinadas 20 horas para docência e as outras 20 horas são divididas para planejamento das aulas, reforço escolar e estudos.

Ji-Paraná, 26 de fevereiro do ano 2009.

Dia 09 de fevereiro marca mais uma etapa da minha vida profissional, inicia-se o ano letivo, novos alunos, novas experiências, novos desafios, conquistas, aprendizados... Conhecer cada rostinho ansioso, conversar com alguns pais, fazer novas amizades e principalmente oportunizar situações que permitam a construção de um vínculo de amizade entre a escola e a família foi meu primeiro objetivo, claro que este, não é algo que se consiga com apenas um encontro, mas ali marca o início deste processo.

Confesso que eu semelhante aos meus alunos também estava super ansiosa. A razão por ter a presença deste sentimento tão aflorado era saber que neste ano receberia em minha sala dois alunos especiais, não que eu não os aceitasse ou temesse trabalhar com eles, até porque tenho algumas experiências positivas com a educação inclusiva durante minha carreira profissional e aprendi muito trabalhando com a diversidade, acredito que não só eu aprendi, mas também os alunos que tiveram o privilégio de vivenciar esta experiência inclusiva durante a formação educativa.

Acredito que o que me deixou ansiosa foi ter conhecido um pouco da história deles, quero aqui relatar um pouco do que já sabia sobre o aluno Thiago Henrique Souza da S. de Jesus.

Ele não conhecia o ambiente escolar apesar de já ter 8 anos de idade, parece-me que a mãe temia colocá-lo na escola por medo de outras crianças machucá-lo, já que ele não sabia se defender sozinho, não falava e diante as situações que lhe desagradava começava a bater a cabeça na parede e/ou se morder.

Bom, de início isso era tudo que eu sabia sobre Thiago, queria muito esse primeiro contato, mas no primeiro dia de aula ele não foi. Então passei o fato para a supervisora da escola, que entrou em contato com a mãe que o levou para a escola nos dois dias depois, e não portava nenhum tipo de material escolar.

Thiago entrou na sala apenas com a roupa do corpo, não chorou não se despediu da mãe, ficou encantado com a sala, a mãe falou comigo rapidamente, eu passei os horários de entrada e saída da escola, os materiais de que eu necessitava e retornei a sala já que Thiago estava deslumbrado e inquieto dentro da sala.

Na verdade fiquei apavorada quando me vi só com ele, e mais 27 alunos, ele, simplesmente não parava, andava de um lado para o outro, balbuciava alguma coisa sem parar, pegava os materiais dos colegas por achar interessante e colorido, confesso que fiquei

sem chão, por uns minutos, até que a Psicopedagoga Institucional Flávia Sthur que estava à espera dele na escola chegou à sala para conhecê-lo, ficando com ele durante a aula, o que me ajudou muito.

Continuei minha aula enquanto a Flávia oferecia a ele algumas atividades tentando prender-lhe a atenção o que não foi possível num primeiro momento, já que tudo era novidade pra ele, a vontade dele naquele momento não era sentar, pintar, manusear qualquer tipo de jogo. Na verdade o que ele mais queria era andar pela sala, mexer em tudo que via pela frente, sair da sala, andar pela escola.

Após o lanche, Thiago pode conhecer melhor o espaço físico da escola acompanhado pela Psicopedagoga escolar.

Os alunos o receberam muito bem, entenderam que podiam ajudar Thiago de diversas maneiras: cuidando dos próprios materiais, convidando-o para brincar, falando com ele...

Na segunda vez que Thiago veio a escola, já portando sua mochila com dois cadernos, lápis de escrever e colorido, apontador, borracha e tesourinha não foi diferente, continuava inquieto.

Porém algo novo eu havia conquistada, uma cuidadora escolar, Adelina assim como eu estava curiosa para descobrir como trabalhar com Thiago, preparamos e aplicamos algumas atividades a ele para podermos fazer um diagnóstico de sua aprendizagem até aquele momento de sua vida.

Nosso principal objetivo além de descobrir o que ele já sabia era descobrir o que prenderia sua atenção, pois sem conseguirmos isso seria praticamente impossível ajudá-lo dentro do processo de alfabetização.

Bom, durante os primeiros 15 dias descobrimos que Thiago tinha um repertório grande de palavras e/ou imagens de memória, descobrimos isso enquanto ele folheava revistas, a cada propaganda, rótulo e slogan (ITAÚ, CASA DA SOGRA, CAIXA, BRADESCO...) que era de conhecimento dele, ele pronunciava de maneira rápida e bem baixinho, tínhamos que ficar próximo dele e não fazer qualquer tipo de questionamento, caso isso ocorresse ele simplesmente não falava e ignorava a pergunta, era muito engraçado.

Percebemos também que Thiago possuía habilidades para abrir e fechar portas e torneiras, correr apesar de uma leve dificuldade de locomoção, manusear tesoura, pegar pequenos objetos com as pontas dos dedos, entendia ordens simples apesar de não as obedecer, folheava corretamente cadernos, livros e revistas.

Suas características quanto à personalidade observamos que é um menino meigo, carinhoso e gosta de dar e receber carinho, porém quando não tem suas vontades satisfeitas se irrita com facilidade jogando objetos pelo chão, quebrando lápis e/ou batendo sua cabeça contra alguma superfície, mordendo uma de suas mãos, apertando seu pescoço, chorando e gritando.

Thiago apresentou aversão a qualquer tipo de lápis, canetinha e giz de cera, não apresentou nenhum interesse a esse tipo de material se negando a realizar qualquer atividade que exigia o uso desse material.

Com isso começamos a trabalhar com pinturas diversificadas usando tinta guache, pincel, cola colorida, massinha, pintura a dedo, colagens diversas e dentre essas atividades ele dispensou o uso do pincel, a tinta ele gostava de transferir uma na outra apresentando um equilíbrio incrível ao despejar o conteúdo de um potinho de tinta dentro do outro.

Durante a colagem observamos que ele não tinha noção da quantidade necessária de cola que deveria usar, sempre tínhamos que interferir, falando e às vezes retirando o tubo de cola de suas mãos.

Apesar de Thiago ter uma simpatia incrível com todos que se aproximavam dele, não aceitava brincar com outras crianças ficando sempre muito irritado quando os outros alunos se aglomeravam perto dele, e quando ele estava folheando alguma revista ou manuseando algum tipo de jogo ou atividade e uma criança se aproximava ele simplesmente deixava o que estava fazendo e saía.

Não conversa com as pessoas que tentam um diálogo com ele, preferindo apenas repetir de maneira rápida o que a outra pessoa fala, (Professora: - Oi, qual é o seu nome? Thiago: - Oi, qual é o seu nome?).

Quando está sentado no chão e precisa levantar-se usa quatro apoios, sem o auxílio das mãos não consegue levantar-se, subir escadas ou quaisquer outro tipo de degral.

De posse dessas informações elaboramos as atividades que seguem na certeza de estar atendendo as necessidades de aprendizagens de Thiago, facilitando sua interação com as demais crianças e avaliando a aquisição de seu próprio saber.

Ana Paula Meldola Manoel

PROFESSORA/PEDAGOGA

1º SEMANA DE FEVEREIRO

Nesta primeira semana Thiago compareceu na escola apenas na quarta-feira dia 12, estava deslumbrado com o mundo que ainda não conhecia o ambiente escolar.

Devido a esta emoção era possível perceber sua agitação, sussurrava continuamente algo incompreensível, não parava sentado, não obedecia a ordens simples como, por exemplo: Senta! Não pode sair! Espera um pouco! Volta! Sempre tentava fazer permanecer a sua vontade através de constantes choramingo e gritos.

Quando lhe foi oferecido revistas para folhear percebeu-se que Thiago dispensou total concentração as imagens contidas na revista, sempre que encontrava algo que era conhecido ou chamava a atenção ele resmungava algo baixinho e apontava com o dedinho.

Chegada a hora do lanche, fizemos a fila com todos os alunos para irmos ao refeitório da escola, coloquei Thiago na primeira posição da fila, pois ele ainda não conhecia as regras da escola e não sabia como se comportar numa fila, saindo correndo para outra direção, ele na frente da fila teve meu direcionamento.

No refeitório Thiago pegou seu prato sozinho, comeu sem necessitar de auxílio, assim que saiu do refeitório foi para o pátio participar do recreio com os demais alunos, porém ele apenas correu de um lado para o outro, andou, como se quisesse conhecer o local onde estava, não brincou com ninguém e nem aceitou que crianças se aproximassem dele. Na sala Thiago também não aceitou a aproximação das crianças, quando isso acontecia ele gritava: - Socorro!!!! Socorro!!! Socorro!!!

No momento da saída ele chorou um pouco porque sua mãe não chegou no horário, Thiago via as outras crianças saindo, queria sair também, mas, como era impedido chora e gritava para ver se conseguia nos convencer a deixá-lo sair.

Foi corrido o dia de hoje, sinto que preciso correr contra o tempo para descobrir o que ensinar e como ensinar os conteúdos curriculares para Thiago, adequando-os às suas necessidades e limitações.

2º SEMANA DE FEVEREIRO

Esta foi uma semana muito produtiva Adelina e eu conseguimos descobrir que Thiago conhece, identifica e nomeia muitas palavras relacionadas às propagandas, percebemos isto enquanto ele folheava revistas.

Thiago folheava diversas revistas uma por vez, quando encontrava alguma palavra que conhecia apontava o dedinho e dizia repetidas vezes: BOTICÁRIO, ITAÚ, VIVO, CRED CARD, FIAT entre muitas outras palavras, foi incrível descobrir que Thiago tinha um grande repertório de palavras memorizadas e era capaz de fazer pseudo-leitura. Naquele momento o único questionamento que eu fazia era, Thiago tinha memorizado a escrita das palavras ou a cor, imagem ou logo tipo da propaganda?

Thiago fazia a leitura do alfabeto ilustrado que tem na parede da sala, em meio a aula ele levantava ia até o alfabeto e lia batendo a mãozinha da mesma maneira que eu fazia, letra por letra, palavra por palavra, quando eu fazia a leitura coletiva ele levantava e vinha dançando e sorrindo colocar a mãozinha por cima da minha e ler com os colegas, com voz bem baixinha. Tinha a mesma atitude quando eu convidava a turma para ler a tabela numérica, parecia saber diferenciar letras e números.

Percebi também que enquanto Thiago folheava revistas, cantava uma música com voz baixinha, numa linguagem própria, não dava para compreender uma única palavra, parecia que ele criara um vocabulário para assim evitar que outras pessoas se aproximem dele.

Thiago é muito esperto para conseguir aquilo que quer e descobrir o ponto fraco das pessoas que tentam impor regras a ele.